

29º Congresso do SIMPEEM
“Educação: privatização e terceirização”
17 a 19 de Outubro de 2018

Identidades de Gênero e a Escola

Tita - Letizia Patriarca

numes

Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença
Departamento de Antropologia — Universidade de São Paulo

O que entendemos por gênero?

- Categoria cunhada em estudos acadêmicos de diversas áreas (como Antropologia Social, História, Filosofia, Sociologia, Educação), nos anos 1980;
- Gênero não diz respeito só a mulheres, mas se refere a todas as pessoas, porque gênero está em tudo que fazemos, em todas as pessoas;
- Gênero então como relações entre o que são considerados homens e mulheres, o que se vê como masculino, feminino, masculinidades, feminilidades e tudo no meio disso.



O que entendemos por gênero?

- Gênero diz respeito a relações de poder, não meras diferenças, mas desigualdades e hierarquias;
- Variação histórica e cultural do que é ser homem e mulher;
- Es[a em articulação com outros marcadores sociais da diferença (classe, raça, sexualidade, geração, região, religião, capacitismo).

Desigualdades de gênero e outros marcadores na escola

- Marcadores sociais da diferença que refletem e produzem vivências diferentes nas escolas (Exemplo: aluno negro e aluna branca).
- Acesso à educação: diferente sucesso e fracasso escolar entre meninos e meninas
- Estereótipos de gênero - exemplo: talento para exatas é natural para meninos (engenharia) X talento para cuidar é natural para meninas (pedagogia).
- Anos de estudo X salários X profissões (homens brancos X mulheres negras, desigualdade salarial).

Desigualdades e violência de gênero

- Como gênero se relaciona com violência?

Normas de como ser homem, como ser mulher e como ser só estas duas identidades podem ser violentas para as vivências e desenvolvimento das crianças desde cedo.

COMO DESCOBRIR SE UM BRINQUEDO É PARA MENINAS OU MENINOS.

PARA BRINCAR PRECISA
USAR OS ORGÃOS GENITAIS?

SIM

NÃO É BRINQUEDO
DE CRIANÇA

NÃO

É PARA AMBOS OS
SEXOS

LGB T I

desejo ≠ gênero ≠ sexo

SEXO

(SEXO: atribuído ao nascer, a partir de noções biológicas - anatomia, cromossomos, gônadas e etc.)



FEMININO INTERSEXO MASCULINO

≠

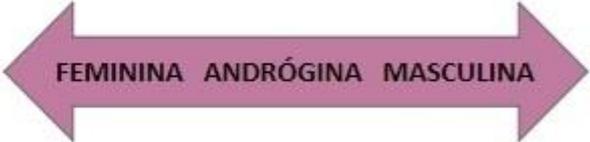
GÊNERO

(IDENTIDADE DE GÊNERO: auto-atribuído, como sinto internamente meu gênero)



MULHER NÃO-BINÁRIA HOMEM

(EXPRESSÃO DE GÊNERO: como eu me apresento - roupas, cabelo, estilo, etc.)



FEMININA ANDRÓGINA MASCULINA

≠

DESEJO

(AFETIVIDADE: por quem demonstro afeto)



HOMOAFETIVA BIAFETIVA HETEROAFETIVA

(DESEJO AFETIVO e SEXUAL: por quem me atraio)



HOMOSSEXUAL HÉTERO PAN/BISSEXUAL ASSEXUAL

- É preciso cultivar as diferenças! Só o respeito à diversidade não basta e nem estimula as vivências diversas. As diferenças devem ser parte do processo todo de aprendizagem.
- E sem reproduzir desigualdades (exemplos: na separação das filas, na distribuição das tarefas, nos comentários e piadas em sala de aula).

ENCONTRANDO BIANCA

<https://www.youtube.com/watch?v=SJsGN69NGug&t=3s>

CONTATOS

- Facebook: [facebook.com/numasnaescola](https://www.facebook.com/numasnaescola)
- E-mail: numasnaescola@gmail.com

numas

Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença
Departamento de Antropologia — Universidade de São Paulo

Precisamos falar com os homens



JOAN SCOTT G

“O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.”



FEMINISMOS NEGROS (Estados Unidos)

bell hooks

Patricia Hill Collins

Angela Davis



FEMINISMOS INTERSECCIONAIS

Audre Lorde

“Não existe hierarquia de opressão”



Eu nasci negra e uma mulher. Estou tentando me tornar a pessoa mais forte que consigo para viver a vida que me foi dada e ajudar a efetivar mudanças em direção a um futuro aceitável para o planeta e para minhas crianças. Como negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças — incluindo um menino — e membro de um casal interracial, com frequência me vejo parte de algum grupo no qual a maioria me define como devassa, difícil, inferior ou apenas “errada”.

Da minha participação em todos esses grupos, aprendi que opressão e intolerância de diferenças aparecem em todas as formas e sexos e cores e sexualidades — e que entre aqueles de nós que compartilham objetivos de libertação e um futuro viável para nossas crianças, não pode existir hierarquia de opressão. Eu aprendi que sexismo e heterossexismo surgem da mesma fonte do racismo.

“Ah”, diz uma voz da comunidade negra, “mas ser negrx é NORMAL!”. Bom, eu e muitas pessoas negras da minha idade lembramos de forma soturna dos dias em que não costumava ser!

Simplemente não consigo acreditar que um aspecto de mim pode se beneficiar da opressão de qualquer outra parte da minha identidade. Eu sei que pessoas como eu não podem se beneficiar da opressão sobre qualquer outro grupo que busca o direito a uma existência pacífica. Em vez disso, nós nos subestimamos ao negar a outros o que derramamos sangue para obter para nossas crianças. E essas crianças precisam aprender que elas não têm de ser umas como as outras para trabalharem juntas por um futuro que irão compartilhar.

FEMINISMOS INTERSECCIONAIS

Audre Lorde

“Não existe hierarquia de opressão”



Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negrxs, porque milhares de lésbicas e gays são negrxs. Não existe hierarquia de opressão.

Eu não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você.

Audre Lorde nasceu 1934, em Nova York, e foi poeta, ensaísta, feminista interseccional e ativista. Ela costumava se definir como “negra, lésbica, mãe, guerreira, poeta”. Morreu em novembro de 1992.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Marília Pinto de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. Educ. Pesqui. [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.185-193. ISSN 1517-9702.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100013>.
- LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca e ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero nas escolas. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- EGGERT, Edla e REIS, Toni. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros [online]. 2017 Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 138, p.9-26.
- <http://www.scielo.br/pdf/es/v38n138/1678-4626-es-38-138-00009.pdf>